

PROBLEMAS DE CONDUTA E TRAÇOS DE INSENSIBILIDADE AFETIVA EM PRÉ-ESCOLARES: PERFIS PSICOSSOCIAIS EM UMA COORTE DE NASCIMENTOS BRASILEIRA

LUCIANA RODRIGUES PERRONE¹; ANDREAS BAUER²; REBECCA WALLER³; MARLOS DOMINGUES⁴; PEDRO HALLAL⁵; JOSEPH MURRAY⁶

¹Programa de Pós-graduação em Epidemiologia/UFPEL – lucianarodriguesperrone@gmail.com

²Departamento de Medicina Preventiva/USP – andreas.bauer.psychology@gmail.com

³Departamento de Psicologia/Universidade da Pensilvânia – rwaller@sas.upenn.edu

⁴Programa de Pós-graduação em Educação Física/UFPEL – marlosufpel@gmail.com

⁵Departamento de Cinesiologia e Saúde Comunitária/Universidade de Illinois – prchallal@gmail.com

⁶Programa de Pós-graduação em Epidemiologia/UFPEL – j.murray@doverresearch.org

1. INTRODUÇÃO

Os traços de insensibilidade afetiva (TIA) caracterizam-se por baixa empatia, reduzida pró-sociabilidade e responsividade emocional superficial (WALLER *et al.*, 2020; WALLER; HYDE, 2018). Quando acompanhados pelos TIA, os problemas de conduta (PC) infantis são mais intensos e persistentes (BLAIR; LEIBENLUFT; PINE, 2014; WALLER *et al.*, 2016). Além disso, esse padrão prevê desfechos adversos na vida adulta, como abuso de substâncias, criminalidade, desemprego e morte precoce (MOFFITT, 2018; SQUILLACI; BENOIT, 2021; WILSON *et al.*, 2013). Por sua relevância clínica, esses traços foram incluídos como especificador “com emoções pró-sociais limitadas” nos principais sistemas diagnósticos de saúde mental (DSM-5 e CID-11), auxiliando na identificação de crianças com piores prognósticos (DENG *et al.*, 2024).

Evidências sugerem que crianças com altos níveis de problemas de conduta e traços de insensibilidade afetiva apresentam diferenças socioemocionais, cognitivas e biológicas significativas em comparação àquelas com problemas de conduta isolados (FRICK; RAY, 2015). Esses achados incluem dificuldades no reconhecimento de emoções (SHARP *et al.*, 2015), menor empatia (GEORGIU; KIMONIS; FANTI, 2019) e déficits no processamento de informações sociais (HELSETH *et al.*, 2015). No entanto, a relação entre TIA e aspectos mais amplos do desenvolvimento infantil, como desenvolvimento neuropsicomotor, linguagem e funções executivas, ainda é pouco compreendida, especialmente em contextos não clínicos. Além disso, persiste a questão sobre se as associações observadas entre os traços de insensibilidade afetiva e dificuldades no desenvolvimento infantil são exclusivamente atribuíveis à sua concomitância com problemas de conduta, ou se os TIA constituem preditores independentes de tais comprometimentos.

Apesar de poderem ser identificados já aos dois anos de idade (BLAIR; LEIBENLUFT; PINE, 2014), os traços de insensibilidade afetiva têm sido mais estudados em idades posteriores (NORTHAM; DADDS, 2020) e majoritariamente em países de alta renda (RITCHIE *et al.*, 2022). No contexto do Sul Global, fatores socioculturais e morais podem influenciar de forma particular a expressão de empatia, agressividade e outros comportamentos (MILLER; BERSOFF; HARWOOD, 1990). Diante disso, este estudo teve como objetivo investigar como os traços de insensibilidade afetiva e os problemas de conduta se associam a múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil em pré-escolares de uma coorte de nascimentos brasileira.

2. METODOLOGIA

O estudo utilizou dados da Coorte de Nascimentos de 2015 de Pelotas, um estudo longitudinal de base populacional que incluiu 4.275 crianças (98,7% dos nascimentos elegíveis na área urbana). As análises consideraram 3.997 participantes com dados completos sobre traços de insensibilidade afetiva (TIA) e problemas de conduta (PC) avaliados aos 4 anos de idade.

Os traços de insensibilidade afetiva foram avaliados através do Inventory of Callous-Unemotional Traits – Short Form (HAWES *et al.*, 2014). O questionário é composto por 12 itens e apresenta um escore final variando de 0 a 36. A amostra foi dicotomizada em crianças com níveis mais altos/mais baixos de TIA no ponto de corte ≥ 10 , estabelecido por análise de curva ROC.

Os problemas de conduta foram mensurados a partir da subescala de problemas de conduta do Strengths and Difficulties Questionnaire. Esta subescala é composta por 5 itens e apresenta um escore final variando de 0 a 10. A amostra foi dicotomizada em crianças com níveis mais altos/mais baixos de problemas de conduta no ponto de corte ≥ 4 , estabelecido anteriormente na literatura (GOODMAN, 1999).

As informações sobre desenvolvimento neuropsicomotor, linguagem, funções executivas, reconhecimento de emoções, teoria da mente, processamento de informações sociais e comportamentos pró-sociais foram obtidas na mesma idade. Variáveis sociodemográficas perinatais foram incluídas como potenciais fatores de confusão.

As crianças foram classificadas em quatro grupos para as análises principais: 1) crianças com níveis mais baixos de TIA e de PC (desenvolvimento típico), 2) crianças com níveis mais baixos de TIA e mais altos de PC (apenas PC), 3) crianças com níveis mais altos de TIA e mais baixos de PC (apenas TIA), e 4) crianças com níveis mais altos de TIA e de PC (PC+TIA). As comparações entre grupos utilizaram regressões multivariadas (Poisson ou linear, conforme o desfecho), estimando razões de incidência, razões de prevalência ou coeficientes beta, com IC95% e correção para múltiplas comparações. Análises adicionais testaram associações independentes entre TIA e PC. Todas as análises foram conduzidas no STATA 15.1, com nível de significância de 5%.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as 3.997 crianças avaliadas aos 4 anos, 54,9% apresentaram desenvolvimento típico, 14,2% apenas problemas de conduta (PC), 14,8% apenas traços de insensibilidade afetiva (TIA) e 16,3% PC+TIA. As análises de regressão revelaram que crianças com traços elevados de insensibilidade afetiva, tanto isoladamente quanto combinados com problemas de conduta, apresentaram desempenho significativamente inferior em diversos domínios psicossociais, quando comparadas ao grupo de desenvolvimento típico.

No grupo apenas TIA, observou-se menor desempenho em linguagem expressiva (IRR=0.92; IC95%: 0.89–0.96), linguagem receptiva (IRR=0.95; IC95%: 0.93–0.97), reconhecimento de emoções (IRR=0.87; IC95%: 0.83–0.92), empatia/altruísmo (IRR=0.86; IC95%: 0.77–0.95) e comportamento pró-social (IRR=0.89; IC95%: 0.87–0.90). O grupo PC+TIA apresentou padrões semelhantes, com IRRs entre 0.83 e 0.97 nos mesmos domínios. Já o grupo apenas PC mostrou associações mais restritas, como menor autocontrole (IRR=0.94; IC95%: 0.91–

0.96) e no teste de postergar gratificação (IRR=0.94; IC95%: 0.90–0.98), sem prejuízos significativos nos demais indicadores.

As análises com escores contínuos, ajustadas mutuamente para TIA e CP, reforçaram esses achados. Os traços de insensibilidade afetiva mostraram associações significativas com todos os domínios de neurodesenvolvimento (IRRs entre 0.98 e 0.99; $p < 0,008$), linguagem expressiva (IRR=0.96; IC95%: 0.95–0.98), linguagem receptiva (IRR=0.97; IC95%: 0.97–0.98), reconhecimento de emoções (IRR=0.95; IC95%: 0.93–0.96), empatia/altruísmo (IRR=0.93; IC95%: 0.90–0.97) e comportamento pró-social (IRR=0.93; IC95%: 0.92–0.93). Os problemas de conduta, por sua vez, associaram-se apenas a autocontrole (IRR=0.97; IC95%: 0.96–0.98) e comportamento pró-social (IRR=0.98; IC95%: 0.97–0.99).

Esses resultados indicam que os TIA estão relacionados a dificuldades amplas e consistentes no desenvolvimento infantil, enquanto os PC se associam de forma mais específica a desafios de regulação emocional e comportamental. A presença de TIA, mesmo sem PC, representa um sinal de risco neurodesenvolvimental relevante.

4. CONCLUSÕES

Este estudo indica que os traços de insensibilidade afetiva em pré-escolares estão relacionados a dificuldades amplas e consistentes no desenvolvimento neuropsicológico e socioemocional, enquanto os problemas de conduta se associam de forma mais específica a desafios de regulação comportamental. A identificação precoce de traços de insensibilidade afetiva é essencial, mesmo na ausência de PC, pois sinaliza vulnerabilidades em múltiplos domínios do desenvolvimento infantil. Os achados reforçam a necessidade de intervenções precoces que abordem as diversas necessidades neurodesenvolvimentais e psicossociais de crianças em risco de transtornos de comportamento antissocial, especialmente aquelas com níveis mais elevados de traços de insensibilidade afetiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAIR, R James R; LEIBENLUFT, Ellen; PINE, Daniel S. Conduct disorder and callous-unemotional traits in youth. *The New England journal of medicine*, v. 371, n. 23, p. 2207–2216, dez. 2014.
- DENG, Jiaxin *et al.* Core features of callous – unemotional traits : a cross - cultural comparison of youth in four countries. *European Child & Adolescent Psychiatry*, v. 33, n. 8, p. 2681–2693, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s00787-023-02357-8>>.
- FRICK, Paul J; RAY, James V. Evaluating Callous-Unemotional Traits as a Personality Construct. *Journal of personality*, v. 83, n. 6, p. 710–722, dez. 2015.
- GEORGIU, Giorgos; KIMONIS, Eva R; FANTI, Kostas A. What do others feel? Cognitive empathy deficits explain the association between callous-unemotional traits and conduct problems among preschool children. *European Journal of Developmental Psychology*, v. 16, n. 6, p. 633–653, 2019.
- GOODMAN, Robert. The extended version of the Strengths and Difficulties Questionnaire as a guide to child psychiatric caseness and consequent burden. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, v. 40, n. 5, p.

791–799, 1999.

HAWES, Samuel W. *et al.* Refining the parent-reported inventory of callous-unemotional traits in boys with conduct problems. *Psychological Assessment*, v. 26, n. 1, p. 256–266, 2014.

HELSETH, Sarah A. *et al.* Aggression in Children with Conduct Problems and Callous-Unemotional Traits: Social Information Processing and Response to Peer Provocation. *Journal of Abnormal Child Psychology*, v. 43, n. 8, p. 1503–1514, 1 nov. 2015.

MILLER, Joan G.; BERSOFF, David M.; HARWOOD, Robin L. Perceptions of Social Responsibilities in India and in the United States: Moral Imperatives or Personal Decisions? *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 58, n. 1, p. 33–47, 1990.

MOFFITT, Terrie E. Male antisocial behaviour in adolescence and beyond. *Nature Human Behaviour*, v. 2, n. 3, p. 177–186, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1038/s41562-018-0309-4>>.

NORTHAM, Jaimie C; DADDS, Mark R. Is Callous Always Cold? A Critical Review of the Literature on Emotion and the Development of Callous-Unemotional Traits in Children. *Clinical child and family psychology review*, v. 23, n. 2, p. 265–283, jun. 2020.

RITCHIE, Mary B. *et al.* Predicting youth aggression with empathy and callous unemotional traits: A Meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, v. 98, n. June, p. 102186, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2022.102186>>.

SHARP, Carla *et al.* *Callous-unemotional traits are associated with deficits in recognizing complex emotions in preadolescent children.* *Journal of Personality Disorders*. Sharp, Carla: Department of Psychology, University of Houston, Houston, TX, US, 77204, csharp2@uh.edu: Guilford Publications. , 2015

SQUILLACI, Myriam; BENOIT, Valérie. Role of callous and unemotional (Cu) traits on the development of youth with behavioral disorders: A systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 9, 2021.

WALLER, Rebecca *et al.* A meta-analysis of the associations between callous-unemotional traits and empathy, prosociality, and guilt. *Clinical psychology review*, v. 75, p. 101809, fev. 2020.

WALLER, Rebecca *et al.* Does early childhood callous-unemotional behavior uniquely predict behavior problems or callous-unemotional behavior in late childhood? *Developmental psychology*, v. 52, n. 11, p. 1805–1819, nov. 2016.

WALLER, Rebecca; HYDE, Luke W. Callous-unemotional behaviors in early childhood: The development of empathy and prosociality gone awry. *Current Opinion in Psychology*, v. 20, p. 11–16, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.07.037>>.

WILSON, Philip *et al.* What predicts persistent early conduct problems ? Evidence from the Growing Up in Scotland cohort. p. 76–80, 2013.